



A ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

academico um sermão de auto de fé, e como recompensa suprema as labaredas de uma fogueira no Campo da Lã.
Jacob Rodrigues Pereira viveu sessenta e cinco annos, por que, tendo nascido em 1719, morreu em 1780.

PINHEIRO CHAGAS.

II

COMO SE FAZ UM MONSTRO

Elle era n'esse tempo uma creança loira
Vivendo na abundancia agreste da lavoura.
Ao vento, a chuva, ao sol, pastoreando os gados,
Deitando-se ao luar nas pedras dos eirados,
Atravessando à noite os solitarios montes,
Dormindo a boa sesta ao pé das claras fontes,
Trepando aos pinheirais, ás fragas, aos barrancos,
No rijo e negro pão cravando os dentes brancos,
Ruidoso como a aurora e tom como a alegria.
Quando no azul do céu cantava a cotovia.
Nos primeiros clarões vibrantes da alvorada
Transportava no cabelleiro o leite da manada,
Acordando, a assoviar e a rir pelos caminhos,
Os lebrões nos portaes e as aves nos seus ninhos,
E a tarde quando o sol, extraordinario Rubens,
Na fantasmagoria esplendida das nuvens,
Colorista febril, lanca, destax, derrama
O topazio, o rubi, a prata, o ouro, a chamma,
Elle ia então sosinho, alegre, intemerato,
Conduzindo a beber ao tremulo regato,
A golpes de verdasca e gritos estridentes,
Num ruidoso tropel os grandes bois pacientes,
O seu olhar azul de limpidez virtuosa,
Quêe brilhava a audacia heroica e valerosa,
A candura infantil e a intelligencia rara,
O timbre da sua voz imperiosa e clara,
A lucta do seu corpo altivamente recto,
Tudo lhe dava o ar soberbo d'um athleta
Em miniatura.

III

Um dia o pae, um bravo aldeão,
Chamou-o ao pé de si, e disse-lhe:

"João:

A' força de trabalho e a' força de canceiras
A mairregar no monte e a' levar gado ás feiras,
Consegui ajuntar ao canto do bahu
Alguns pinitos. Vocês são dois rapazes; tu,
Além de ser mais novo, és mais intelligente.
Vou botar-te ao latim; quero fazer-te genio.
Hasde-me dar ainda um grande pregador.
Heje padre é melhor talvez que ser doutor.
Aquillo é grande vida; é vida regalada
Olla, sabes que mais? manda ao diabo a enxada,
Aquillo é que é vidinha; aquillo é que é desenganço!
Arrecada-se a congrua, engrola-se o ripanço,
Arranja-se um sermão ali com quatro treças,
Vai-se escorricelhando o vinho das galhetas,
E a missa seis vintens e doze os baptizados.
Depois independentemente e sem nenhuns cuidados!
Olla, João, vê tu o nosso padre cura?
E, sem tirar nem pôr uma cavalgada,
Vi-o chegar aqui mais roto que os ciganos;
Fois tem fôto um casto em meia dúzia d'anos,
Isto é desenganar; padres sabem-na toda...
E o sermão, e a missa, e o enterro, e a boda,
E' pinga da melhor, e tudo quanto ha!
Quando o abbade morrer hasde vir tu para cá,
Despacha-te o doutor nas cortês; quando não
Votares contra elle, e fôr-se-lhe a eleição.
Mas que é isso, rapaz? Nada de choradeira!
E' tratar da merenda, e quinta ou sexta-feira
Toca p' o seminario. Eu quero ir para a covã
Só depois de te ouvir cantar a missa nova."

IV

N'uma tarde d'outono a somnolento trote
Um macho conduzia em cima do albardão,
Já columna da egreja, o novo sacerdote,
O multissimo illustre e digno padre João.
Ao entrarem na aldeia os dois irracionaes,
Das fogueiras ao grande e jubiloso estrepito
Um velho recostou nos braços paternaes,
Em vez do alegre filho, um monstro já decrepito
Que acabava de vir das jaulas clericas.
Que transfiguracão! que radical mudança!
Em lugar da innocente angelica creança,
Voltava um chimpanze estúpido e bisonho,
Com o ar de quem anda haliucinantemente
Preso nas espiraes diabolicas d'um sonho.
Seu corpo juvenil, robusto e floresente
Vergava para o chão exausto de cansaço;
Os dogmas são de bronze, e a lá d'uma batina
Ja vai pensando mais que as armaduras d'aço.
A ignorancia profunda, a estúpidez suina,
A luxuria d'egreja, ardente, clandestina,

V

Como ninguem ignora, os sordidos palhaços
Compram, roubam as mães as loiras creancinhas.
Torcem-lhes o pescoco, as mãos, os pés, os braços,
Transformam-lhes n'um junco elastico as espinhas,
E exhibem-nas depois nos patcos das barracas
Dando saltos mortaes e devorando facas.
Ante o espanto imbecil da lugenna multidão;
E para lhes abrirem a lividez plangente
Costumam-lhes pintar carnavalescamente
Na face de alvaide um rir de vermelho.
Tambem o jesuitismo hipocrita-romano,
Palhaço clerical, anda pelos caminhos
A comprar, a furrar, assim como um cigano.
As creancas ás mães, os rouxinões aos ninhos.
Vão levá-las depois ao negro seminario,
As terríveis galãs, ao sacro mata-douro,
E escondem-nas da luz, assim como o usurario
Esconde tambem d'ella os seus punhadões d'ouro.
Dentro da estúpidez e da superstição,
Casamata da fé, guardam-lhes a razão,
A analyse, esse forte venenoso humido,
Que, andando em liberdade, ao minimo descuido
Poderia estoirar com tragica explosão.
O que o palhaço faz ao corpo da creança
Fazem-lhe á alma, até que d'ella reste enfim,
Em lugar do hístrião que nas barracas dança,
O padre missionario, o infantil manequim.
O hístrião que nos prega a benaventurança
A murros de missal e a roncos de latim.
As almas infantis são brancas como a neve,
São perolas de leite em urnas virgineas:
Tudo quanto se grava e quanto ali se escreve
Cristalina em segundas não se apaga mais.
D'esta forma consegue o astucioso clero,
Transformar de repente uma creança loira
N'um passaro nocturno estúpido e sincero
E' abrir-lhe na cabeça a golpes de thesonra
A marca industrial do fabricante — um zero!

GUERRA JUNQUEIRO.

JUNQUEIRO ESCRITOR
A MORTE DE D. JOÃO, 1874

Foi este livro que atraiu a atenção da opinião pública sobre o poeta Guerra Junqueiro. Na verdade, muitas das composições que integram o livro já haviam sido publicadas na imprensa periódica, mas passaram despercebidas.

Em 1874, o livro foi recebido com escândalo. Essa seria, de resto, a intenção do autor, como se extrai da descrição que o próprio faz da obra:

“O assunto do meu poema é a corrupção e libertinagem d’uma parte da sociedade, corrupção manifestada na literatura desde o idealismo ingénuo e dissoluto de Raphael de Lamartine, até ao realismo descarado e vil dos escritores do Segundo Império.”

Para Junqueiro, a poesia ultra-romântica estava fora do prazo, desactualizada em relação à vida real e “o poeta tem a obrigação de ser um homem do seu tempo”.

1. A morte de D. João (1.ª ed.)
Col. BMRR

2. “Como se faz um monstro”
A Ilustração Portuguesa
N.º 15, 26 Out. 1885, p. 4